

# ALVORADA

SEMANÁRIO REPUBLICANO

3.º Ano—N.º 128

Editor, Abel de Vasconcelos Gardozo

Director e proprietário, A. L. de Carvalho

S. da R., Capitão L. A. Pina Guimarães

Redação e administração, Rua da República

Guimarães, 1 de Maio de 1913

Camp. e impressão, Tip. Minerva Vimaranesse

## 1.º de Maio

E' o dia santo do Trabalho. E' a festa da grande, da imensa família dos trabalhadores. Nela o proletariado de todo o mundo se solidariza. E' a germinal bendita cantando hinos de paz á Fraternidade Humana.

¡Só por isto, por este limpo pensamento, a festa é bela! Encanta o nosso espirito!

Tem, todavia, ainda outro significado a data do 1.º de Maio. E' a data escolhida para afirmar um direito: o direito á redução legal da jornada do trabalho a 8 horas.

Proclamado este principio no primeiro congresso da Internacional, reunido em Genebra no ano de 1886, cumpre o proletariado o seu dever reivindicando-o como uma das mais legítimas aspirações do seu programa mínimo.

¡Saudeiros, pois, os filhos do trabalho—os rôtos, os deserdados que através os séculos e a história teem sido os pioneiros máximos do Progresso e da Liberdade!

¡Saudeiros a massa anónima, os sem-nome, os párias da sorte—essa fôrça insofismável e imprescindível, e m b o r a eternamente explorada na oficina e na fábrica, na mina e no campo, no mar e na terra!

¡Ofereçamos-lhes a nossa melhor e mais enterneçada simpatia!

¡Ajudem-os a ter fé, a ter confiança!

O Futuro pertence-lhes!

¡Glória, pois, aos que trabalham!

¿Quer isto dizer que somos contra a República? Não. Antes significa, antes quer dizer que, amando-a muito, a impulsionemos, a ajudemos a avançar—pelo menos até ao termo em que *um novo modo de ser* se esboce. Até lá, tem ainda a República uma grande

função política, económica e social a desempenhar.

Depois, só depois... ¡em marcha para mais esperança, para mais futuro, para mais vida, para mais ideal!

Questão de disciplina. Assim quizeramos que igualmente o houvesse compreendido o operariado da nossa terra. Parecia-nos isso mais eficaz para elles e, sobre-

tudo, mais oportuno para o País.

Seja, porém, como o intendam: a opposição socialista só faz mal á República... quando essa opposição entre de aproveitar aos seus inimigos irreconciliáveis.

¡E' por isso, *só por isso*, que ao saudar neste dia de festa o operariado da nossa terra—lhe falamos no amor que todos devemos á República!

## A aurora vermelha

Veem surgindo outros tempos para a vida da nossa terra. Visto serenamente, e analisado com o interesse que merece, todo o nosso movimento social de hoje o está dizendo—e diz de um modo que nos indica para breves tempos uma existência agitada de conflitos, mormente daqueles que possam suscitar-se no levantamento violento, embora justo, da questão económica, por parte dos nossos operários.

Não tenho já ilusões a esse respeito, nem isto que escrevo, sob a flâmula de um titulo provocante, pretende ser mais uma vez a *poesia* de um homem que (Deus o sabe) tem longos pecados de sentimentalidade...

Não há dúvida, não pode restar-nos dúvida de que os tempos, em breve, serão outros, e muito diferentes daqueles que negligente e quasi inutilmente temos vivido; e que o nosso povo, depois de ter sustentado a carga de todos os abusos morais e económicos, principia enfim a ser **POVO** e a defender-se animado pela fôrça dum legítimo e sagrado direito—o de querer viver a Vida sem humilhações degradantes e sem misérias injustificadas.

E' possível que esta terminologia, dura, crua talvez, mas sem disfarces, não sde bem aos ouvidos de determinada camada pública, só porque possui a qualidade de a acordar dum grande sono e violentamente, e iniludivelmente, a chamar á realidade segura e nem sempre agradável dos factos. Se assim acontecer... tanto melhor. ¿Não é verdade que sendo assim chegará a ser útil? Sem dúvida. Mas é ver-

dade também que isto representa um aviso amigo aos pais para educação e orientação dos filhos, se é que para essa fracção social não é já sufficiente aviso o levantamento persistente, e parece que metódico, de acção directa que em Guimarães se está fazendo desde o advento da República.

São pois outros tempos que veem surgindo numa aurora vermelha que se levanta e que na sua côr ardente e alto volume de núvens contém o mistério dos seus destinos—mistério esse tanto mais inquietador quanto é certo que violentamente se desenvolverá pelo braço perigoso da ignorância: a sombra que nos legou—a nós, geração de hoje—essa outra que agora se vai desfazendo, e da qual bem pouco existe que perdure.

Em verdade, se a cada geração pode marcar-se o período de vinte anos de acção social, e se são esses, portanto, os que representativamente vivem a geração que agora se vai extinguindo, ¿que fizeram durante esse longo espaço os homens que então governavam os destinos políticos e associativos desta terra, em beneficio das classes operárias, e sobretudo da sua instrução e evolução educativa?

¿Que promoveram as vereações?

¿Que organizaram os políticos?

¿Onde estão as associações de instrução e socorros que possam confessar-se beneficiadas, amparadas?

¿Que representava para essa geração o povo operário da nossa terra?

¿Simplesmente um recurso eleitoral? Somente isso?

Assim era, assim foi, em verdade.

Vinte, trinta imensos anos!!!...

¡E da noite profunda em que se sentiram afectivamente associados todos os resentimentos, todas as fomes de pão e de instrução, e ainda todos os ódios terríveis que se geram das submissões cumpridas por necessidade, de tudo isso vem de gerar-se a aurora vermelha—a das lágrimas, talvez; talvez a da reabilitação!...

O pior são as circunstâncias educativas...

Eu.

## O COOPERATIVISMO

¿Porque não organizam os operários da nossa terra uma Cooperativa de Consumo?...

Nada mais simples e compreensível do que a organização das sociedades cooperativas de consumo.

Todos sabem que qualquer produto de que carecemos representa um valor que se decompõe noutros valores parciais, de forma que, quando nós os adquirimos, esse valor tem de passar por uma série de operações, que fazem inevitavelmente aumentar-lhe o preço.

Entre os géneros comprados a retalho, ou obtidos por grosso, há uma grande diferença que representa o lucro que aufero o vendedor, que é apenas o intermediário entre o produtor e o consumidor.

Cada individuo ou família carece dum certo número de produtos; em cada um deles perde uma parte de capital que não utiliza. Para um homem só, estes interesses, que se vão inutilmente, podem não representar uma verba importante; mas estas pequenas parcelas reunidas formarão um capital valioso que servirá de grande auxilio para todos os associados.

Ainda outra vantagem oferecem as cooperativas de consumo, e não menos importante, qual é a garantia no peso dos géneros que compra e na sua qualidade. E, como dissemos, nada mais fácil de conseguir.

Um certo número de individuos reune-se e forma uma associação para a compra dos principais géneros do seu consumo, organiza primeiramente um capital; se este é pequeno, e o número de sócios não é grande, começa as suas operações nesses artigos mais indispensáveis; e sendo dirigidos os negócios por uma administração honesta e trabalhadora, os resultados hão de acentuar-se de modo que as adesões forçosamente se deverão manifestar.

E quando o operário, chegando o fim do ano, receber um dividendo, embora pequeno, e consi-

derar que aquele lucro, parte do capital que representa o seu trabalho, se não fôsse a cooperativa, reverteria, não em seu proveito, mas no do vendedor, terá então a perfeita idea e compreensão da utilidade destas instituições.

A dificuldade das cooperativas de consumo está na administração. Gerir um estabelecimento destes necessita de prática, e muitas destas sociedades, principalmente, no nosso país, teem definhado pela falta de percepção nestes negócios.

A sua utilidade, porém, é manifesta.

Para a sua boa organização, não se devem formar sem que primeiro possuam um capital, pois que começarem as operações levantando dinheiro, do qual tenham de pagar juros, é principiar logo uma obra com dificuldades e encargos. Lenta e gradualmente é como estas instituições podem atingir um futuro próspero, tendo demais todos os associados o desprendimento do interesse, que no primeiro tempo tem de ser módico. Por esta forma, as sociedades cooperativas de consumo prestam um auxilio poderoso ao operário, que economisa, sem sacrificio e, pelo contrario, com vantagem.

Recomendar economia ao homem pobre, ao homem cujo salario apenas lhe chega, e mal, para a satisfação das suas necessidades, seria uma utopia e até escárneo. Equivalia a dizer ao cego que visse e ao paralítico que andasse. A sciência não pode operar milagres; o que deve, porém, é administrar as formas pelas quais se possam obter resultados que satisfaçam as leis imperiosas da vida.

O número de sócios nestas sociedades é indeterminado, pois que quanto maior fôr, mais larga é a esfera dos seus negócios, e por consequência maiores serão os seus interesses. As mulheres devem ser admitidas como sócias; elas que teem em geral o governo doméstico, são as que mais praticamente reconhecem as vantagens das cooperativas. ¡Estas sociedades acabam com um mal terrível que, de ordinário, algeima o operário—é o fiado!

Costa Goidofim.

## Programa

Da Festa Operária do dia 1.º de Maio

Conforme noticiamos no último número, é hoje que os operários desta cidade festejam o dia 1.º de Maio, a festa de todos os trabalhadores.

Extractamos do programa, distribuído no último domingo, em vista da comissão lhe ter feito algumas modificações, o seguinte:

A's 5 horas, alvorada.

A's 7 horas, romagem ao cemitério.

A deputação para este acto, á passagem na rua de Paio Galvão, prestará homenagem ao saudoso arqueólogo Francisco Martins Sar-



mento, desfolhando flores perante o seu retrato, que se encontra na Sociedade Martins Sarmento. A's 9 horas, recepção aos operários do Pevidém, no fim da rua D. João I, vindo acompanhados com uma banda de música. A's 10 horas, saída do cortejo, que percorrerá o seguinte itinerário: Largo da Oliveira, Rua da República, 31 de Janeiro, Gil Vicente, Paio Galvão, Largo D. Afonso Henriques, Passeio da Independência, Rua de S. Dâmaso, Largo 1.º de Maio e Largo da Oliveira. As lápides do Largo do 1.º de

Maio serão descerrada pelo sr. Mariano da Rocha Felgueiras, presidente da Câmara. A's 15 horas, partida para o comício que se efectuará no Monte da Senhora da Luz. A's 21, sessão solene no Centro Socialista de Guimarães, seguindo-se o arraial no Largo da Oliveira. A Câmara, em sessão de 23 do corrente, e a pedido do Centro Socialista, resolveu que o seu pessoal assalariado não trabalhasse no dia 1.º de Maio, mas com vencimento, para assim poderem compartilhar nas festas.

## A crise dos cortidores e surradores

### O que nos diz um industrial da classe

#### CAUSAS REMOTAS, PRESENTES E FUTURAS

Dentre as indústrias de mais fôlego e de mais importância produtora—uma das que mais contribuiu para dar a esta terra a justa fama de grande colmeia industrial do Minho, foi, sem dúvida, a secular indústria dos cortumes.

As suas fábricas e oficinas, localizadas num acanhado bairro,—espécie de zona dentro da cidade—, não denotam quaisquer tentativas de inovação e de progresso, antes estudadas na sua laboração, analisadas nos seus processos e instrumentos de fabrico, tudo indica que se trata duma indústria vertida em moldes primitivos. Não obstante este estacionamento no modo de ser da indústria dos couros, é evidente que nela boas fortunas se acumularam, recompensando assim se não um ânimo empreendedor de estudo e de assimilação, pelo menos o esforço honesto e pertinaz dos seus representantes.

Simplemente hoje, na febre intensa e propulsora do industrialismo, quem não avança... recua, visto que quem domina é a técnica e a mecânica.

É, por ventura, deixaram-se aperceber desta reforma os herdeiros da velha e rica indústria dos couros?

Foram, acaso, lá fora recolher de visu os frutos da ciência industrial, êsses que hão de ser os seguidores do Cidade, dos Leites, do Comendador Teixeira, dos Martins, do Oliveira, dos Carvalhos, etc.?

Nada se fêz pelo futuro da indústria dos couros de Guimarães. Seguiu-se a teoria do ramerrão. Os chorudos resultados do tempo das vacas gordas narcotizou o espírito das generosas iniciativas.

É uma indústria na infância. Enquanto que a cortimenta e acabamento dum couro, mercê do progresso industrial, já hoje se faz no período de algumas semanas, entre nós o seu fabrico está ainda sujeito a uma gestação de 7 e 9 meses, com os riscos, demais a mais, das influências atmosféricas, e exigindo, além disso, um trabalho e uma canceira esgotantes.

A indústria dos couros, entre nós, tem vindo sensivelmente diminuindo, estando actualmente reduzida a um tçoço.

Não se pode com segurança fixar um período em que dum modo sensível se observe o declinar desse passado áureo da importante indústria dos couros. É todavia evidente que no período dos dez anos últimos essa decadência se tem vindo acentuando por flutuações mais profundas e de efeitos mais minazes. As causas determinantes deste facto são múltiplas, como veremos. O que está todavia bem patente é que os in-

dustriais nada souberam opôr a essa contingência, embora ela mereça ser estudada.

O número de operários que ainda em época de trabalho normal se empregam nesta indústria é computado em 400, um tçoço, talvez, dos que em bons tempos e com mais permanência de trabalho ali applicavam a sua actividade produtora.

Hoje, além de serem muito menos, é necessário acrescentar que só se empregam 4 a 5 dias em cada semana, com visitas frequentes de férias largas por falta de matéria prima.

Há três categorias de trabalhadores: surradores, cortidores e «franceses»—sendo êstes últimos uma espécie de jornaleiros tomados para serviços que não demandam aprendizagem aturada. As suas férias ou salários, visto que uns trabalham por peça e outros por dia, regulam em média 400 réis os «franceses», 500 réis os cortidores e 700 réis os surradores. O trabalhador desta indústria, que, em regra, representa para êle e para os seus um modo-de-vida hereditário, tem, por isso mesmo, mais do que nenhum outro, arraigado um espírito de classe que nêle é amor pela sua profissão. Na crise, pois, porque atravessa, não será de nenhum modo fazer literatura se dissermos que êste laborioso e forte operário, sem reagir, se atirará para um canto da mansarda a roer a desventura da sua miséria, à espera, sempre à espera da volta à oficina, ao trabalho.

«A crise actual é a grande doença da indústria dos couros»—diz nos um sócio da firma António José do Oliveira, Filhos

Dentre uns vinte industriais que ainda esta classe conta, procuramos ouvir quem sobre a actual crise nos dissesse a sua proveniência e, bem assim, procurar saber da sua duração, visto que já a mesma se vem estirando à alguns meses.

Neste propósito procuramos em sua casa o nosso amigo José Mendes de Oliveira, a quem a nova situação na importante casa de seu pai o levou a estudar, com interesse, o grave problema do momento.

Sentados à secretária do seu bem disposto escritório, expozmos-lhe, com espanto seu, o motivo da nossa visita, que era saber se a crise,—como todas as crises presentes e futuras, na larvada linguarice de certas criaturas falhadas—era obra da República?

—Qual «obra da República»? O mal tem proveniência bem diversa. A crise actual é a grande doença da indústria de couros... E logo acrescentando: «Mas porque não ouve antes um dos mui-

tos industriais, mais do que eu experimentados e conhecedores da natureza destas flutuações que se chamam crises? Sim, porque se toda a gente pode saber que a crise actual está grandemente afectando toda a indústria e comércio de peles, couros e sola, não só do país como fora dêle, outro tanto não me será a mim possível dizer-lhe se está próximo ou se vem longe o seu termo, visto que não é uma crise de ordem local, mas geral.—E reflectindo um pouco, acrescenta: «Mesmo porque são múltiplas e profundas as determinantes da crise. A falta enorme de matéria prima que desde o outono veio ferir, parcialmente, esta indústria, não é derivada,—como alguma vez tem sucedido,—por planos de exclusiva conveniência comercial; pois se alguns stocks existiam nos grandes mercados de couros verdes, como sejam, Montevidéu, Rio Grande, Maranhão, Buenos Aires, etc., essa existência desapareceu completamente com a mobilização dos exércitos para a guerra do Oriente, a guerra dos Balkans, conforme deduzo da leitura duma revista da especialidade, publicada em Lisboa. Existem, por consequência, outros factores de ordem económica.

Razões de onde se conclue que diminue sensivelmente a quantidade e aumenta consideravelmente a procura

—Quer ouvir o que a propósito de um inquérito sobre a carestia diz uma «Revista de Couros e Peles»?—«...O gado está rareando por uma forma espantosa em todo o mundo. As três grandes regiões para a produção do gado, a Austrália, a América do Sul e os Estados Unidos revelam uma decadência manifesta. As causas disto? São diversas. A mais importante, porém, «é devida ao facto, como diz uma importante casa de Antuérpia, de a agricultura estar tomando, momentaneamente nos grandes países produtores, um desenvolvimento colossal em detrimento da criação de gado.» Só nos Estados Unidos, esclarece uma estatística, desde 1900 a população aumentou 26% ao passo que a quantidade do gado diminuiu 20%. Na Alemanha, desde 1907 que o número de animais diminuiu cerca de 500:000 cabeças e, em contra-posição a sua população aumentou cerca de 4 milhões.

Mas não é tudo. O couro, além de estar rareando sensivelmente nos mercados por o facto já indicado, tem ainda êste outro, como seja, o da considerável procura para a sua applicação a novas indústrias, sendo uma delas a dos automóveis.

—Só a Bélgica, leva anualmente para êsse fim perto de 200 mil couros!

—De maneira que a crise...

—De maneira que a crise— completa o nosso querido amigo —é uma doença grave... tam grave que, embora se possa vir a suavisar por períodos mais ou menos curtos, é todavia evidente que peores provas ainda nos esperam, segundo a melhor expectativa dos eruditos na matéria.

—A não ser,—objectamos nós—que a Europa renuncie a andar descalça... visto que a república chinesa resolveu europeizar-se, usando calçado.

Que dúvida! Já alguma coisa se está fazendo no sentido de procurar substituir a resistente courama de boi...

Se a crise só atinge, por enquanto, os cortidores, em breve irá ferir também os surradores.

—Qual é a actual situação da crise?—perguntamos nós:

—Olhe: enquanto alguns industriais ainda dão que fazer alguns dias ao seu pessoal, outros há que os vão «entretendo», como podem, devendo notar-se que êstes que ainda trabalham, são os surradores! Devo, contudo,

observar-lhe que tudo indica vir a agravar-se a situação, pois se os primeiros atingidos com a falta de trabalho são os cortidores, os surradores, a continuar assim, dentro em breve terão a mesma sorte.

—Qual é, em paralelo, o preço actual do couro?

—É' comum, entre nós, fazer o confronto ao preço do quilo; pode-se todavia calcular que um couro, que antes dos primeiros rumores da crise custava de dous mil e tal a 3.000 réis deve hoje regular 4.500. Tal preço, óbvio será afirmar, inutiliza a acção do industrial junto do comerciante.

—E no nosso país não há courama suficiente para as exigências da indústria?

—É' insuficientíssima. A matéria prima nacional não chega nem para o consumo dum tçoço da indústria!

Calcule: todas as peles que o matadouro do concelho pode fornecer, não dão para manter um operário!

—Pode dizer-nos se a crise que assaltou esta indústria, entre nós, foi igual em todo o país?

—Não foi; e uma das razões é a das condições especiais do nosso fabrico...

—Pelo visto... estamos em vésperas de se agravar a situação, hein?

—Lamentavelmente assim terá de ser. Julgo mesmo poder afirmar-lhe que já na próxima semana muitos operários surradores não terão trabalho em algumas oficinas.

Por aqui fechamos a nossa entrevista, depois de declinarmos os nossos affectuosos agradecimentos por tam preciosos esclarecimentos.

O nosso amigo, todavia, obedecendo a um pensamento, filho da sua muita modéstia, já da porta insistia como em principio: —Porque não ouve antes um industrial com mais *calo* no officio?...

—Ora!... ora!...

...E seguimos caminho de casa, pensando que tudo isto, afinal... operários sem trabalho, bôcas ululantes de pão, miséria desgrenhada, tudo isso, afinal, tinha de ser—para que nós e outros possamos calçar botas!

Que triste organização social!...

## O caso das luminárias

E OS

### estudantes do Internato Municipal

Bem desejaríamos, por melindres que facilmente se descobrem, que a volta deste caso não se fizesse grande ruido pela imprensa,—embora julgemos que êle vale, não pela significação que teve, mas, sobretudo, pelo pecaço de origem que possa ter, um inquérito sério e de resultados eficazes. Não tendo sido, porém, assim mesmo compreendido por todos,—antes da ocorrência fizeram uma exploração ignóbil, comprometendo ainda mais quem a inspirou ou quem a executou—injustificável e prejudicial seria, depois disso, que êste jornal não dissesse como as coisas se passaram e o que a seu propósito pensa.

A questão, em resumo, é esta: Mandou a Câmara, dentro das suas atribuições legais, que, como no seu officio, o Internato Municipal tivesse a bandeira içada e que a noite iluminasse, comemorando assim a passagem do 2.º aniversário da lei da Separação, a exemplo do que fizeram todas as câmaras do país.

—Nada mais correcto, nada mais lógico!

Não o entenderam, todavia, por esta mesma forma os moços estudantes do referido estabelecimento de ensino,—os moços, repetimos, ou quem os inspirou!—resultando deste desacordo virem as luminárias abaixo, já depois de algum tempo acesas.

Não se fêz, convém notar-se, esta operação contra as grisetas sem que um cachoar de vivas e de berros não pudesse deixar de atrair as atenções de toda a Prefeitura, que é composta de três ou quatro membros, e a quem compete—êles o sabem—a fiscalização pela disciplina e boa ordem dos setenta e tantos alunos, que tantos são os que tem o Internato. Buscaram êstes, pela sua autoridade, impedir os distúrbios dos moços estudantes?

—Se esta intervenção se fêz a tempo, que meios empregaram, que resoluções, que expedientes tomaram, se não poderam ou não souberam evitar o facto?

Nós não acusamos!

Simplemente pedimos que um inquérito faça a destriça, apurando a quem cabem responsabilidades. Entretanto, objectar-nos não que tudo se encontra esclarecido quando os próprios moços estudantes afirmam que tal acto de rebeldia foi por parte dêles—um protesto contra a lei da Separação!

Idiotas! Como se toda a gente não soubesse o que são—rapazes!

Na idade dêsses moços estudantes não há, nem pode haver, actos reflexionados. Nêles, a cujo maior número ainda cabe bem o tratamento de «meninos», todo o seu jôgo mental e de raciocínio se limita, em regra, à cópia, ao exemplo, à macaqueação—como são de parecer todos os bons pedagogistas.

Tomar, depois disto, como protesto a uma lei o acto de desordem e de indisciplina praticado pelos estudantes do Internato—é um disparate! é uma exploração!

Mas aquilo foi um estremeccimento de febre a que pôs termo a intervenção, logo breve, do digno reitor do Liceu, sr. José de Pina, sendo de justiça que se diga que antes deste senhor chegar ao Internato, podera obstar a maiores cometimentos, o sr. José Rocha, secretário do mesmo estabelecimento.

Correu todavia pela linguarice mulheril e beata, apesar do procedimento muito correcto e muito louvável deste modesto empregado do Internato Municipal—que logo que tomou conhecimento da bravata dos moços estudantes corra a capela, que com o referido Internato liga pelo interior, e, atacado de fúrias iconoclastas, como *revanche*, degolará todos os santos e santas que dormitavam serenos e bons nos seus nichos e altares, apagará lâmpadas devotas, derrubará bancos, partirá velas... «e não sabemos que mais!»

Um horror, só em pensá-lo!

Em face disto—que tomava, sem dúvida, proporções bem mais graves aos olhos de muita gente boa, do que o caso das luminárias—não fomos, como possam imaginar, ouvir de confissão a José Rocha, pois que, segundo a ordem natural das coisas, um réu—e êle neste caso é réu—nega sempre.

Que fazer, demais se a referida capela não está aberta... nem sequer para os que, como nós, fazem gazeta?

Desta colisão nos tiraram umas senhoras a quem a bondade do nosso querido amigo, sr. José Pina, permite que vão ali à capela, perante o altar da Virgem, prestar o culto das suas rezas devotas—j pormenor íntimo êste que certa folha de couve entendeu dever assoalhar!



Que nos disseram essas senhoras?

—Que não! que não era isso verdade! Que as lâmpadas da sua devoção estavam, como as deixaram, aczas, e que não viram velas algumas partidas!...

!E é trapaceando, agitando as massas doentias que correm atrás das primeiras impressões, que se fazem as fôlhas de couve de grande circulação!...

Mas até ao próximo número.

### Por enquanto... um incidente caseiro

#### A Igreja e a Separação, depois

Sem nenhum intuito de reservada malquerença contra o sr. dr. Alfredo Pimenta, antes movido pelo único desejo de saber se a qualquer homem bem constituído é lícito defender hoje uma coisa que ainda ontem tam apaixonadamente esse mesmo homem atacára pelo livro, pela imprensa e pela palavra—nós ousáramos pedir ao sr. dr. Alfredo Pimenta, por intermédio deste jornal e em nome duma velha simpatia, que nos explicasse como se operara em si uma tal versatilidade de opiniões quanto à Igreja e quanto à lei da Separação.

A isto, que era claro, respondeu o sr. dr. Alfredo Pimenta, como pôde, —acrescentando de princípio, *que não o faria pelo jornal que não teve escrúpulos de insultar pessoas suas muito queridas e não teve a hombridade de repelir infâmias que lhe foram dirigidas*, mas sim por aqueles que facilmente se deixam levar pelas primeiras impressões!

Temos, pois, que duma questão se fazem duas, e nós vamos principiar por esclarecer a primeira—já que assim o quer o animo leve do sr. dr. Alfredo Pimenta.

Reconstituamos: *!!! Não teve este jornal «escrúpulo» em «insultar» pessoas do sr. dr. Alfredo Pimenta muito queridas, como não teve a «hombridade» de repelir «infâmias» que lhe foram a êle dirigidas!!!*

Não vamos—descancem—repisar a polémica havida entre o director deste jornal e mais Rodrigo Pimenta—embora imprudentemente a ela queiram aludir parte das palavras acima. Simplesmente devemos dizer uma coisa a quem nos lê: *é só para permitir ao coração de um irmão todo o prazer intensivo da sua affectividade que nós fazemos o sacrificio de não desmentir o sr. dr. Alfredo Pimenta!*

Sentencie, embora, com crueldade, este jornal.

Agora o que não lhe perdoadamos é que o seu amor próprio se dilate tanto, a ponto de ferir, de magoar o dos outros. Isso é que não! Sabemos perfeitamente que o sr. dr. Alfredo Pimenta, falando «em infâmias que lhe foram dirigidas», se refere a umas... picadas que entendeu dever aplicar-lhe um nosso colaborador, —atitude que por ser *de legitima defêsa*, note-se, ninguém com um conhecimento exacto do que sejam deveres de hombridade seria dignamente capaz de impedir!

!Foi por assim pensarmos sempre, que um dia—recordar-se há êle?—permittedo ao mesmo sr. dr. Alfredo Pimenta que neste jornal se desafrentasse em sua *legitima defêsa*, não obstante tratar-se de pessoa nossa muito querida!...

Se êle se lembrasse!...

E' como procede um jornal que não tem dentro de si agência de interesses pessoais.

!Vem porém o sr. dr. Alfredo Pimenta e estabelece a estranha moral de querer agora para os outros... aquilo que teria sido motivo de se abespinhar, de se zangar de (quem sabe?), cortar relações connosco se porventura idêntica

atitude usássemos então para com êle!

Se êle se pudesse lembrar!... Mas... não vale a pena lastimar. Sigamos. Aceita este jornal, mui conformado, a consideração, e até a estima, que o nosso illustre conterrâneo lhe retirou para a levar aos jornais inimigos da República... e mais do Evolucionismo.

Perfeitamente exacto. Só o que queremos neste momento fazer-lhe sentir é que, habituados às suas provas de delicadeza, bastante nos maguou que a esta redacção devolvesse a *Alvorada*—sem ao menos se lembrar que tendo-lhe esta sido *oferecida*, desde o primeiro número, elementar e rudimentar dever seria que na altura em que a devolvia, ao menos, a agradecesse.

Evitaria dessa maneira que hoje o acusássemos de desprimoroso. Mas isto não passa dum incidente—que se arquiva.

A vida é feita de pressas, e o sr. dr. Alfredo Pimenta não se detém sequer 5 minutos a pensar nestas... miudezas.

O que mais importa—tratar-se há no próximo número.

### Um belo gesto

O soldado Manuel Mirotos recusou mil escudos (um conto de réis) com que o conspirador Carlos de Melo e Costa (Ficalho) tentou suborná-lo antes de condemnado no tribunal que o julgou.

Este filho do povo, apesar da humildade da sua origem e da sua posição, deu assim um nobre exemplo e uma excelente lição de civismo no seu arraigado amor pela República, que no momento actual o mesmo é que dizer pela Pátria, não só aquele fidalgo como a certa nobreza que—di-lo a história—é sempre a primeira que, nas crises de independência nacional, se lança jubilosa nos braços do jugo estrangeiro, motejando ainda das classes populares em rudes pelezadas contra os invasores, e que desde 5 de Outubro vem pedindo intervenção estrangeira como as crianças pedem... emulsão de Scott.

### Eleição da Comissão Municipal Republicana de Guimarães

Nos termos do artigo 26.º da Lei Orgânica do Partido Republicano Português, convo-co todos os cidadãos deste concelho, inscritos no cadastro partidário, para no dia 4 de Maio, pelas 15 horas, na sede do Centro Republicano de Guimarães, rua do Dr. Avelino Germano, se proceder à eleição da Comissão Municipal Republicana, conforme o disposto nos artigos 24.º e 25.º da mesma Lei.

Guimarães, 22 de Abril de 1912.

O presidente da Comissão Municipal Republicana,

Mariano da Rocha Felgueiras.

### REPORTAGEM

#### Passeio ciclista

A briosa «Sociedade dos 15 Amigos», do Pôrto, promovem, para o próximo domingo, um passeio ciclista a esta cidade.

O «Sport Club Vimaranes», reunido em assemblea geral extraordinária, resolveu, por unanimidade, nomear uma comissão para que a recepção a fazer aos seus colegas portuenses revista o maior brilho e luzimento possíveis.

### Providências

Chamamos a atenção do sr. administrador do concelho para que mande policiar a rua Egas Moniz, onde se estão dando constantemente desordens que muito nos vergonham perante os nossos visitantes, como ainda no último domingo tivemos occasião de presenciarem.

### Câmara Municipal

Sessão de 9 de Abril

Presentes os cidadãos Ferreira Guimarães, Abreu Barbosa, Vitorino Sampaio e Júlio Cardoso.

O cidadão Ferreira Guimarães comunicou à Câmara que tinha representado este município no Congresso de Aveiro; inteirada.

Foi presente o balanço até 5 de mês corrente o qual acusa os seguintes saldos: em depósito na Caixa Económica 6:500.000 réis; idem, na Caixa Geral de Depósitos, 3:046.000 réis; e, em dinheiro na tesouraria, 1:842.870 réis.

#### Ofícios

Do Governador Civil, pedindo uma tabela de preços fixados por esta Câmara para a venda do centeio, milho e fava, que tem de ser importados, nos termos da lei de 21 de Dezembro de 1912; a Câmara resolveu fazer a seguinte tabela de preços: milho, medida de 20 litros, 650 réis; centeio, medida de 20 litros, 700 réis; fava, medida de 20 litros, 750 réis.

—Do chefe da Estação Agrícola Fiscal da 1.ª Região, Porto, pedindo informação com urgência sobre o preço fixado para a venda do milho exótico neste concelho; mandou satisfazer.

—Da Comissão Distrital, remetendo devidamente aprovado o projecto para a obra de reparação e melhoramento do caminho público, desde o lugar da Corredoura ao Castanheiro, atravessando as freguesias de S. Torquato, S. Cosme da Lobeira e Rendufe, orçada na quantia de 544.450 réis, votado pela Câmara em sessão de 12 de Março, deste ano; inteirada.

—Da mesma Comissão, enviando devidamente aprovada a deliberação tomada pela Câmara em sessão de 12 de Março do corrente ano, que resolveu subsidiar a Direcção da Associação Commercial com a quantia de réis 400.000, para desenvolver a feira annual de S. Gualter e distribuição de prémios ao gado cavalari e bovino; inteirada.

—Do Administrador do concelho, comunicando que por motivos particulares que o impedem de exercer o seu cargo, roga ao sr. Presidente da Câmara para assumir as funções daquele cargo; inteirada.

—Do Director das Obras Públicas, acusando a recepção do officio que esta Câmara lhe dirigiu, e que visto a Câmara ter mandado elaborar um projecto de ajardinamento do terreno sobran-te das obras da Escola Industrial, roga para que antes de ali se executar qualquer trabalho lhe seja enviado o aludido projecto a fim de serem cumpridas as formalidades legais; inteirada.

—Do mesmo, pedindo o preenchimento dum mapa das estradas deste concelho, segundo o modelo enviado, a fim de elaborar o relatório a enviar às estâncias superiores sobre o estado de viação do distrito; à repartição das obras para satisfazer o pedido.

#### Requerimentos

De Camilo Larangeiro dos Reis, pedindo atestado de qual o seu comportamento moral e civil; conferiu atestado de bom comportamento.

—De Francisco de Castro, pedindo licença para abrir um talho

para a vendagem de carnes de gado suino e caprino no prédio designado pelo n.º 75, sito na rua de Francisco Agra, desta cidade; concedida.

—De Maria de Belem Pinheiro, pedindo consentimento da compra que fez aos herdeiros de D. Margarida Matilde da Silva Ribeiro, dum jazigo de familia com 2 metros de fundo por 1 de frente com o n.º 164, sito no quarteirão n.º 7 do Cemitério público, e bem assim a licença a que se refere a informação que no verso vai transcrita; concedida.

—De José Dias Pereira, empregado da Companhia dos Caminhos de Ferro de Guimarães, pedindo licença para construir uma ramada no seu prédio sito no lugar de Santo André, confinante com a estrada municipal n.º 8, lanco desde a Estação do Caminho de Ferro ao lugar do Castanheiro; concedida.

—De Maria Rebelo Batista, da freguesia de S. João de Ponte, pedindo licença para vedar todos os terrenos que lhe pertencem, sitos no lugar de Campelos confinantes com a estrada municipal; concedida.

—Da Irmandade de Nossa Senhora da Consolação e Santos Passos, pedindo licença para colocar uma grade de ferro no principio dum cano que conduz a água inutilizada—das horas—de que a requerente é meira, sito no lugar da Fraga, próximo à rua das hortas, a fim de evitar que o aludido cano se entulhe de terra; concedida.

—De Manoel Pinto, pedindo licença nos termos do Regulamento de 10 de Dezembro de 1912, para ter 30 cabras; lavrado o termo de fiança e paga a taxa devida.

—De Sebastião Manoel Marques, pedindo licença nos termos do Regulamento de 10 de Dezembro de 1912, para ter 25 cabras; lavrado o termo de fiança e paga a taxa devida.

—Mandou com vista ao sr. vereador do pelouro de Vizela o requerimento de Manoel Antelo Pinheiro, motorador na rua do dr. Padre Caldas, da povoação de Vizela.

### Administração do concelho de Guimarães

#### EDITAL

O Cidadão Guilhermino Alberto Rodrigues, Administrador do concelho de Guimarães:

Faz saber que, por autorização superior, em cumprimento do que dispõe a Portaria de 23 de Setembro de 1909, se acha aberto concurso, pelo espaço de trinta dias, para o provimento dos lugares de um cabo e onze guardas civis para o corpo policial, desta cidade, que actualmente se encontram vagos.

Os candidatos, para serem nomeados, deverão reunir as condições exigidas no Art. 13.º do regulamento geral dos corpos de policia civil, de 21 de Dezembro de 1876, e apresentar os seguintes documentos:

Certificado do registo criminal. Atestado de bom comportamento, passado pela Autoridade Administrativa.

Guimarães, Administração do Concelho, 28 de Abril de 1913. E eu Manuel de Freitas Aguiar, Secretário, o subscrevi.

Guilhermino Alberto Rodrigues.

#### EDITAL

2.ª Publicação

A Comissão Administrativa da Câmara Municipal deste Concelho de Guimarães:

Faz público que todas as pessoas obrigadas a aferir balanços, pesos, medidas e quaisquer instrumentos de pesar e

medir, devem cumprir esta obrigação desde o dia 1 de Maio até 30 de Junho deste ano, para o que estará aberta a officina municipal de afilamento, na rua de Elias Garcia n.º 45, todos os dias úteis, desde as 10 às 14 horas.

Que, segundo o decreto de 1 de Julho de 1911, também são obrigados a aferir as suas medidas ou pesos, os proprietários das fabricas, cafés, quiosques onde se vendam bebidas, casas de pasto, hospedarias e hotéis; pois, como determina o § 1.º do art. 10.º do citado decreto, embora possam vender os líquidos a copo ou a cálice, deverão ter uma coleção de medidas aferidas e conferidas para a venda por medida, quando seja exigida pelos clientes.

Que também os proprietários dos alambiques, serão obrigados a aferi-los, devendo esse serviço ser feito no local onde os mesmos existem, pelo aferidor respectivo, o qual passará um certificado e cobrará as taxas determinadas no art. 4.º do decreto de 30 de Junho de 1894.

Que quem não satisfizer estas obrigações no prazo determinado, incorre nas multas legais.

E para constar se passou o presente e outro de igual teor, que serão afixados nos lugares mais públicos da cidade e concelho.

Guimarães, 2 Abril de 1913.

O Presidente,

Mariano da Rocha Felgueiras.

### Concurso

2.ª Publicação

A Comissão Administrativa da Câmara Municipal do concelho de Guimarães, distrito de Braga:

Faz público que abre segundo concurso, por o primeiro ficar deserto, pelo espaço de 30 dias a contar da data da segunda publicação no «Diário do Governo», para o fornecimento da iluminação pública e particular da povoação das Caldas de Vizela, deste concelho, por meio de luz eléctrica, com as condições votadas pela Câmara e aprovadas superiormente que se acham patentes na Secretaria Municipal, edificio dos Paços do concelho, onde podem ser examinadas em todos os dias úteis desde as 10 horas até às 16.

Os concorrentes apresentarão as suas propostas em carta fechada, reservando-se a Câmara o direito de não aceitar nenhuma das mesmas propostas se assim o julgar conveniente, sem que, por esse facto, os ditos concorrentes fiquem com o direito de reclamar ou exigir qualquer indemnização.

E para constar se publica este edital no Diário do «Governo», num jornal desta cidade, e se vão afixar outros de igual teor nos lugares públicos do costume.

Guimarães, Paços do concelho, 15 de Abril de 1913.

E eu José Maria Gomes Alves, escrevão o subscrevi.

O Presidente,

Mariano da Rocha Felgueiras.



# “ADESA,”

MARAVILHA SCIENTÍFICA MODERNA

O «Adesa» limpa automaticamente, e por um processo novo toda a qualidade de metais, prata, ouro, joias e pedras preciosas



Com o «Adesa», podem limpar-se ao mesmo tempo mais de 50 objectos sem ser preciso empregar pós, pomadas ou outros ingredientes.

Com o «Adesa», acabou a fadiga de esfregar um objecto de cada vez para o limpar.

O «Adesa», não contém nem mercúrio nem ácido, é completamente inofensivo.

O processo «Adesa», é o mais limpo e mais barato.

Nenhuma senhora pode dispensar em sua casa o «Adesa», para limpar as suas pratas, e muito principalmente as suas joias, evitando os perigos de as mandar limpar fora.

(O «ADESA» é breveté em todos os países do mundo, e toda a contrafacção será rigorosamente punida).

Depositário e vendedor exclusivo: Em Guimarães  
AUGUSTO CUNHA & C.<sup>a</sup>

O «Adesa» vende-se em caixas, a começar em 200 rs.

## Ho Chic da Moda

DE

CAMILO ALVES DE ALMEIDA

12, Praça de D. Afonso Henriques, 13 (Antigo Toural)

GUIMARÃES

Modas, fazendas brancas e miudezas. Especialidade em panos brancos, rendas e bordados para enxovais. Chá preto e verde.

## Horário dos comboios

(Rectificado)

### PARTIDAS Para a Trofa

5,54—Diário. Liga, 1 hora depois, com o Pôrto, Minho e Douro, por Ermezinde (P. 8,27) e Póvoa; para o Sul, de Campanhã, ás 8,48.  
8,16—Dias úteis—Rápido. Liga com o Pôrto (C. 10,30); Braga e Valença (P. 8,45); para o sul (oeste), de Campanhã, ás 11,40.  
10,49—Idem. Liga com o Pôrto (C. 13,26).  
13,29—Diário. Liga, 1 h. depois, com o Pôrto (C. 16,43) e Douro, por Ermezinde (P. 17,12); com Valença, Braga e Póvoa (P. 14,21).  
16,41—Idem.—Correio. Liga com o Pôrto (C. 19,28); e Douro por Ermezinde, (P. 18,48); com Valença e Braga (P. 18,59); com o Sul, de Campanhã, ás 20,25.  
19,30—Domingos—Liga com o tranway n.º 36 do Minho para o Porto (C. 22,04)

### Para Fafe

8,21—4.ª feiras e 22,11—Dias úteis.  
11,34—Correio, e 16,49—Diários.  
21,36—Dom., feriados e dias santificados.

### CHEGADAS Da Trofa

9,44—Dias úteis. Liga com Valença, Braga e Póvoa (P. 5,33)  
11,27—Diário.—Correio. Liga com o Minho (P. 8,45) (C. 10,30).  
16,41—Idem. Liga com o Minho (P. 14,21) (C. 16,43).  
18,51—Dias úteis.—Rápido. Liga com o Pôrto (P. 16,50).  
21,29—Domingos, fer. e dias santif. { Ligam com o Minho (P. 18,59) (C. 19,28).  
22,02—Dias úteis.

### De Fafe

5,46, 10,39 e 16,31—Correio. Diários, que partem de Fafe ás 4,50, 9,43 e 15,35 Domingos. Comboio que parte de Fafe ás 12,28.

### Apeadeiros

Exceptuando os rápidos, há paragens de 1 minuto em Espinho, Madalena e Covas; e não pára em Espinho o comboio que chega ás 21,29.

Na linha de Fafe há paragens na Penha e Cepões, e na Arcela, aos sábados, há também paragem pelo comboio das 16,49 (ida).

INDICAÇÕES:—Os comboios sem designação são mixtos. As horas entre parêntesis, precedidas de P. e C., designam as partidas do Pôrto e as chegadas ao Pôrto. As partidas de Vizela para Guimarães antecedem proximamente 20 minutos a hora de chegada a Guimarães.

## DINHEIRO

Empresta-se sobre penhores na casa penhorista da Rua das Lamelas, n.º 39 a 41 (junto ao tribunal desta cidade), a juro barato.

Seriedade e segredo.

O proprietário,

João Vellozo de Araujo.

## Sapataria Vimaranense

—DE—

António José Mendes

5, Rua Dr. Avelino Germano, 9 (Antiga Rua de S. Paio)

GUIMARÃES

Nesta oficina faz-se e encontra-se um grande sortido de calçado, como: botas para homem, com solas de borracha, ditas de «estar-calf» para homem, em preto ou de côr, ditas de bezêro, preto ou branco, ditas de «chevraux» preto para senhora e um enorme e variado sortido de calçado de luxo para criança, etc., etc.

Livraria editora  
GUIMARÃES & C.<sup>a</sup>

Augusto I. da Cunha Guimarães

Colecção Horas de Lettura

Ultimos volumes publicados (a 200 réis):

22. A dama das Camélias, de Dumas, filho (4.ª ed. ilustrada)—47. História de um beijo, de Eschrich (2.ª ed.)—73 e 74. A obra, de Zola—75. Geneveva, de Lamartine—76. Um filho do povo, de Eschrich—77 e 78. O crime do padre Mouret, de Zola—79. Casamentos fidalgos, de Feuillet—18. O Rosquedo, de Delfim Guimarães (2.ª ed.)—80. Amor Trágico, de Abel Hermant—81. A Religiosa, de Diderot—82 a 84. Ana Karenine, de Tolstoi.—85 e 86. A besta humana, de Zola—87. O Pescador d'Islandia, de Loti—88. O Refúgio, de Cesar Pôrto.

A Publicar:

Deus e o diabo, de Karr—Fromon Jr., de Daudet.

Colecção Sociológica

(Últimos volumes publicados (a 300 réis)

VI. A dor universal, de S. Faure—VII. O amor livre, de Carlos Albert—VIII. O sindicalismo, de H. Leone—IX. A sociedade futura, de J. Grave—X. Palavras dum revoltado, de P. Kropotkine—XI. O capital, de Carlos Marx—XII. Psicologia do militar profissional, de Hamon—XIII. A caminho da união livre, de Naquet.

A sair:

Como falava Zaratustra, de Nietzsche—A grande revolução, de Kropotkine.

Colecção Vitor Hugo

Volume publicados (a 200 rs. brochado e 320 rs. encadernados)

1 e 2. Os homens do mar—3 a 5. O homem que ri—6 a 13. Os miseráveis 14 e 15. Noventa e três—16 a 18—N.ª Sn.ª de Paris.

A sair:

Bug Jargal—Han-d'Islandia.

Colecção Alegre

Ultimos volumes publicados (a 800 réis

IV. Histórias garotas, de A. Silvestre—V. Amores e aventuras, de Casanova—VI. Diabruras da mãe Eva, de A. Silvestre—VII. Monstros parisienses, de Catulo Mendés—VIII. e IX. Amores de Fabulas.

# A PRODUTORA VIMARANENSE

Sociedade Cooperativa das Quatro Artes de Construção Civil—Responsabilidade Limitada

Rua 31 de Janeiro—GUIMARÃES

Esta sociedade operária encarrega-se da execução de quaisquer trabalhos concernentes às artes de pedreiro, carpinteiro, caiador e pintor, para os quais dispõe de pessoal habilitadíssimo, como na prática se há demonstrado, resultando desta circunstância e da seriedade nos diversos trabalhos, grande economia para os Snrs. proprietários das obras, atendendo às vantagens de que gosam as Sociedades Cooperativas.

Na sua oficina executam-se quaisquer trabalhos avulsos e a preços módicos.

## INTERESSES NO BRAZIL

O Escritório de Direito Internacional, à rua do Hospício n.º 79—Rio de Janeiro—, dirigido pelo dr. Carmo Braga, formado pela Universidade de Coimbra, com longa prática

de advocacia em Portugal e no Brazil, advogado do Banco Aliança do Pôrto, da Beneficência Portuguesa e da Associação dos Empregados no Comércio do Rio de Janeiro, trata especialmente de todas as questões relativas a Direitos e interesses de portugueses no Brazil, inventários, habilitações, partilhas, execução de testamentos, providências para evitar a arrecadação judicial de bens e heranças de ausentes, etc. Também aceita procurações para administração de bens no Rio de Janeiro, cobrança de alugueis, rendas, juros dividendos, compra, venda e hipoteca de prédios, averbamento de papéis de crédito, transferências, etc.

Escritório Filial no Pôrto, dirigido pelo solicitador sr. João Fernandes Amaral,—rua da Fábrica, 78. Para referências em Guimarães—com os srs. Fernandes & Cruz, e com os advogados drs. António do Amaral e João Rocha dos Santos.

## ALVORADA

SEMANARIO REPUBLICANO

Preço da assinatura

Preço das publicações

Ano . . . . . 1\$200 rs.  
Semestre . . . . . 600 "  
Brazil, ano (moeda forte) . . . . . 2\$500 "  
Número avulso . . . . . 30 "

Anuncios e comunicados, por linha . . . . . 40 rs.  
Repetição, por linha . . . . . 20 "  
Permanentes, contracto convencional.  
Anuncios, não judiciais, para os srs. assinantes 25 % de abatimento.

ALVORADA

Ao Cidadão